

## **A criação do Bairro SAIC e a transformação da paisagem cultural**

**Luciano Adilio Alves**

Mestre em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

luciano.alves@uffs.edu.br

### **Resumo**

Os frigoríficos surgiram no Oeste catarinense a partir dos anos 1940. Uma dessas agroindústrias foi a Sociedade Anônima Indústria e Comércio Chapecó (Saic). Fundada em 1952, a Saic iniciou as atividades em 1955, época em que contava com 28 funcionários. A necessidade de ampliar a mão de obra obrigou a empresa a oferecer benefícios aos operários, como a construção de moradias nas proximidades do frigorífico. Uma pequena vila foi se formando aos poucos, o que originou, depois, o Bairro Saic. A urbanização do espaço provocou transformações na paisagem. A paisagem é um testemunho do passado, do relacionamento entre os indivíduos e seu meio ambiente. Ajuda a especificar culturas locais, sensibilidades, práticas, crenças e tradições. No caso do Bairro Saic, o patrimônio e a paisagem cultural estão visíveis na herança dos operários que atuaram na indústria durante décadas. Isso se concretiza nas casas em madeira, construídas em estilo arquitetônico próprio, nas festas, na religiosidade predominantemente católica e no *ethos* do trabalho baseado na derrubada da mata visando o cultivo de alimentos e a criação de animais de corte. O presente estudo pretende focar na década de 1960, quando do surgimento do Bairro Saic, e seguir até os anos 1990. Como fontes foram usados jornais de época, informativos, fotografias, documentos oficiais, entre outros. A partir da metodologia da micro-história, espera-se compreender, resgatar e retratar parte desse processo de transformação da paisagem cultural.

**Palavras-chave:** Frigoríficos; Paisagem Cultural; Saic

### **Abstract**

Meatpacking plants emerged in the west of Santa Catarina in the 1940s. One of these agribusinesses was Sociedade Anônima Indústria e Comércio Chapecó (Saic). Founded in 1952, Saic began operations in 1955, at which time it had 28 employees. The need to expand its workforce forced the company to offer benefits to workers, such as the construction of housing near the slaughterhouse. A small village was gradually formed, which later gave rise to Bairro Saic. The urbanization of the space caused changes in the landscape. The landscape is a testament to the past, to the relationship between individuals and their environment. It helps to specify local cultures, sensibilities, practices, beliefs and traditions. In the case of Bairro Saic, the cultural heritage and the landscape are visible in the heritage of the workers who worked in the industry for decades. This is embodied in the wooden houses, built in their own architectural style, in the festivals, in the predominantly Catholic religiosity and in the work ethos based on clearing the forest for the cultivation of food and the raising of meat animals. The present study intends to focus on the 1960s, when the Saic Neighborhood emerged, and continue until the 1990s. Period newspapers, newsletters, photographs, official documents, among others, will be used as sources. Using the micro-history methodology, we hope to understand, rescue and portray part of this process of transformation of the cultural landscape.

**Keywords:** Refrigerators; Cultural Landscape; Saic

## 1. A Saic, o Bairro Saic e a Transformação da Paisagem Cultural

### 1.2 Introdução

A colonização do Oeste de Santa Catarina ganhou corpo nas duas primeiras décadas do século XX. Famílias de descendentes de europeus, em sua maioria italianos, alemães e poloneses estavam no Rio do Grande do Sul e foram atraídos pela oferta de terras agricultáveis oferecidas a preços módicos. O próprio governo catarinense incentivou a vinda de colonos para ocupar o espaço considerado um vazio demográfico, apesar da existência de índios e caboclos (Radin, 2019).

Para se estabelecer, essas famílias ajudaram na derrubada da mata nativa existente. As florestas deram lugar a estradas, casas, pocilgas, estrebarias e lavouras diversas. Essas plantações tinham como finalidade única, no início, a própria subsistência do grupo familiar. A dieta alimentar das famílias de descendência italiana era baseada na experiência obtida anteriormente na Europa. Pode-se dizer, assim, que a herança (ou patrimônio) cultural desses migrantes esteve presente inclusive na gastronomia.

O costume trazido de seu país de origem de preparar embutidos teve importante papel na culinária italiana, visto a maior durabilidade do que o consumo da carne *in natura*. Quando carneavam porcos produziam salame, copa e torresmo, quase tudo era aproveitado, até mesmo os miolos eram cozidos na frigideira com banha, temperados com sal e pimenta ou até fritos. A banha era obtida através da fritura de pedaços de carne rendendo-lhes inúmeras latas, sendo possível algumas vezes até comercializar o excedente, usavam banha em todos os preparos, e também a manteiga. Frituras eram muito apreciadas nas refeições e também em lanches, como grostolli, uma massa doce, que proporcionava alegria ao consumidor, era uma forma de premiar o trabalho ao final do dia (Picolli, 2011, *apud* Tonezer, *et al*, 2018, p.3).

Aos poucos, esses novos moradores acumularam capital por meio da extração e venda de madeira e com a comercialização dos excedentes de produção agrícola e pecuária, o que possibilitou o investimento em diferentes empreendimentos, muitos deles ligados ao segmento alimentício. Assim, surgiram as primeiras fábricas de banha que, mais tarde, se tornaram pequenos frigoríficos que atuavam no abate e processamento de carne e derivados de suínos (Alves, 2021).

O frigorífico Diadema surgiu em Xaxim no final dos anos 1930. Já nos anos 1940 surgiram a Perdigão (Videira), a Comércio e Indústria Saulle Pagnoncelli (Herval do Oeste), e a Sadia (Concórdia). Em 1952, em Chapecó, surgiu a Sociedade Anônima Indústria e Comércio Chapecó (Saic) e em 1956, o Frigorífico Seara (Seara). Em 1962 o Frigorífico Itapiranga foi criado no Extremo-Oeste e, em 1969, foi fundada a Cooperativa Central Oeste Catarinense, com sede em

Chapecó (Corazza, 2016).

A fundação da Saic e o início das atividades, em 1955, representaram transformações no cenário socioeconômico de Chapecó. A cidade, e a própria região, já despontavam pelo destaque na produção agrícola e na criação de suínos. A instalação do frigorífico atraiu famílias inteiras de operários interessados em trabalhar no abate dos animais e no processamento da carne. Algumas dessas famílias já estavam instaladas em Chapecó. Outras vieram de outras cidades, na própria região ou dos estados do Paraná e, principalmente, do Rio Grande do Sul.

A necessidade de ampliar a mão de obra obrigou a empresa a oferecer benefícios aos operários, como a construção de moradias nas proximidades do frigorífico. Uma pequena vila foi se formando aos poucos, o que originou, logo depois, o Bairro Saic. A pesquisa não conseguiu localizar documentos oficiais sobre a data e a legislação específica acerca da criação do bairro. Um dos registros mais antigos é do Plano Diretor de Chapecó publicado no ano de 1971 no qual o Saic já é citado.



**Figura 1: O prédio da Saic no ano de 1957**

Fonte: Memória de Chapecó

A urbanização do espaço ao redor do frigorífico provocou transformações na paisagem natural, como o desmatamento, desvios de cursos de água, aterramento de banhados, abertura de estradas, construção de pontes, entre outros. Esse processo comprova que

[...] todas as paisagens são consideradas segundo um triplo significado cultural. Em primeiro lugar, elas são definidas e caracterizadas segundo a maneira pela qual determinado território é percebido. Em segundo lugar, a paisagem é um testemunho do passado do relacionamento entre os indivíduos e seu meio ambiente. Por último,

a paisagem ajudaria a especificar culturas locais, sensibilidades, práticas, crenças e tradições [...] (Ribeiro, 2009, p.51).

## Os conceitos de patrimônio e paisagem na história

O patrimônio cultural e a paisagem cultural possuem conceitos interligados que ganharam destaque nos debates sobre preservação e valorização da diversidade, pois se referem a elementos que carregam parte da história, das tradições e das identidades de um povo. Enfim, refletem a interação entre a natureza e a cultura humana ao longo do tempo.

Diferentes conceitos sobre patrimônio emergiram no meio acadêmico em todo o mundo nas últimas décadas. Um dos mais difundidos envolve os bens materiais e é conceituado assim:

Patrimônio é uma palavra de origem latina, *patrimonium*, que se referia, entre os antigos romanos, a tudo o que pertencia ao pai, *pater* ou *pater familias*, pai de família. A semelhança dos termos – *pater*; *patrimonium*, *familia* – porém, esconde diferenças profundas nos significados, já que a sociedade romana era diversa da nossa. A *familia* compreendia tudo o que estava sob o domínio do senhor, inclusive a mulher e os filhos, mas também os escravos, os bens móveis e imóveis, até mesmo os animais. Isso tudo era o *patrimonium*, tudo o que podia ser legado por testamento, sem excetuar, portanto, as próprias pessoas (Funari; Pelegrini, 2009, p.10 e 11)

O patrimônio nos remete a pelo menos duas ideias: a individual e a coletiva. A individual engloba os bens materiais, móveis e imóveis (repassados em herança de pai para filho, por exemplo) e os bens imateriais, como as crenças, as danças, as receitas de alimentos, o estilo de vida como um todo. Já os bens coletivos se referem aos patrimônios históricos e culturais de um determinado grupo social (Funari; Pelegrini, 2009). Para Mendes (2012) é possível “afirmar que todos somos herdeiros e que o patrimônio cultural é a nossa herança cultural”.

Com conceitos polissêmicos, a paisagem natural e a paisagem cultural também passaram a ser objetos de estudos interdisciplinares em todo o mundo. Grosso modo, para algumas áreas acadêmicas a paisagem natural pode ser conceituada como aquela original. Por outro lado, a melhor definição para a paisagem cultural seria aquela que sofreu qualquer tipo de transformação por mãos humanas (Ribeiro, 2009).

Ao tratar especificamente do conceito de paisagem cultural, Ribeiro (2009) aponta uma corrente acadêmica que a conceitua como

[...] fruto do agenciamento do homem sobre o seu espaço. No entanto, ela pode ser

vista de diferentes maneiras. A paisagem pode ser lida como um documento que expressa a relação do homem com o seu meio natural, mostrando as transformações que ocorrem ao longo do tempo. A paisagem pode ser lida como um testemunho da história dos grupos humanos que ocuparam determinado espaço. Pode ser lida, também, como um produto da sociedade que a produziu ou ainda como a base material para a produção de diferentes simbologias, locus de interação entre a materialidade e as representações simbólicas [...]. (Ribeiro, 2009, p.9)

Já as áreas de paisagem natural seriam

[...] partes específicas, topograficamente delimitadas da paisagem, formadas por várias combinações de agenciamentos naturais e humanos, que ilustram a evolução da sociedade humana, seu estabelecimento e seu caráter através do tempo e do espaço e quanto de valores reconhecidos têm adquirido social e culturalmente em diferentes níveis territoriais, graças à presença de remanescentes físicos que refletem o uso e as atividades desenvolvidas na terra no passado, experiências ou tradições particulares, ou representações em obras literárias ou artísticas, ou pelo fato de ali haverem ocorrido fatos históricos. (IPHAN, 2004: 332, *apud* Ribeiro, 2009, p.45)

O mesmo autor cita a existência de outras conceituações acerca da paisagem natural e aponta que há uma definição diferenciada daquela apresentada pela geografia na qual ela é fruto de toda e qualquer paisagem alterada pela ação humana.

[...] Isso reflete uma concepção diferenciada do adjetivo cultural na paisagem. Se para a antiga definição da geografia o qualificativo “cultural” parece estar mais atrelado a uma idéia de cultura como trabalho do homem, no caso da Recomendação aqui analisada, esse qualificativo está mais atrelado à noção de bem cultural. Ela se diferenciaria daquelas de particular valor ecológico e natural, mas tal como estas últimas, também deveria merecer proteção legal. Trata-se de um instrumento visando à identificação de paisagens e paisagens culturais com o objetivo principal de dar subsídios à gestão do território. (Ribeiro, 2009, p.2)

Assim, pode-se depreender que a paisagem cultural é o local onde o patrimônio cultural se manifesta e ganha significado. Os elementos do patrimônio cultural, como edifícios históricos, sítios arqueológicos, práticas tradicionais, fazem parte da paisagem e contribuem para a sua identidade. Por outro lado, a paisagem cultural oferece o contexto para a compreensão e valorização do patrimônio cultural.

As características da paisagem cultural incluem o dinamismo (está em constante transformação, sendo influenciada por fatores sociais, econômicos e ambientais); complexidade (composta por elementos naturais e culturais, que se inter-relacionam de forma complexa); identidade (expressa a identidade cultural de uma comunidade). A UNESCO, em 1992, reconheceu a importância da paisagem cultural ao incluí-la como categoria para inscrição de bens na Lista do



Patrimônio Mundial.

Como exemplos de paisagem cultural podemos citar as cidades históricas (centros urbanos que preservam suas características originais, como ruas, praças, edifícios e traçados urbanos), áreas rurais (paisagens agrícolas, florestais e pastoris, que refletem as práticas tradicionais de uso da terra), e os sítios arqueológicos (espaços que preservam vestígios de ocupações humanas do passado).

Já os exemplos de patrimônio cultural incluem os bens materiais (como edifícios históricos, sítios arqueológicos, obras de arte, objetos artesanais) e os bens imateriais (saberes tradicionais, festas populares, músicas, danças, línguas, costumes e crenças).

### **O patrimônio industrial e a paisagem**

Fábricas inteiras, estruturas diversas, espaços arquitetônicos outrora ocupados e utilizados para atividades empresariais de quaisquer segmentos econômicos, mas que continuam fazendo parte da paisagem de um determinado local, apesar da ação do tempo. Essa é uma forma simples para tentar conceituar o chamado patrimônio industrial, conforme veremos a seguir.

A aceitação e a incorporação do patrimônio industrial como componente de importância histórica ocorreu de forma relativamente tardia. Apenas em 1964, na publicação da chamada Carta de Veneza, o Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios (ICOMOS) reconheceu que a conservação e restauração de monumentos, conjuntos urbanos e obras com significado cultural e histórico também são aplicáveis ao patrimônio industrial edificado (Vichnewski, 2004)

Assim,

[...] Pode-se dizer que esta visão é reforçada por Oliveira (2011), quando o autor cita que arquitetura e os espaços urbanos desempenham um papel fundamental na formação de nossas lembranças e têm a capacidade de evocar narrativas simbólicas que se entrelaçam com nossas vidas. Além disso, Villani, Nogueira e Oliveira (2013, p. 1) contribuem para essa compreensão ao afirmar que esses espaços edificados “representam a materialização da cultura da cidade, além de trazer em suas características e no estilo arquitetônico a história das pessoas, em um determinado momento [...]”. Esta perspectiva da influência do ambiente urbano na formação de memórias e identidade pode ser entendida como uma base para a valorização do patrimônio industrial, pois seguindo a temática abordada na Carta de Nizhny Tagil (2003), este patrimônio representa o testemunho de atividades que tiveram e que ainda têm profundas consequências históricas, possuindo um valor social como parte do registro de vida de uma população, conferindo-lhes um importante senso de identidade. Ao considerar a cidade como a expressão material do sistema capitalista e do processo de industrialização, conforme discutido por Campos (2017), percebe-se que o patrimônio industrial é uma manifestação tangível desse desenvolvimento, fazendo parte da reprodução do modo de vida da sociedade. (Ceolin, *et al*, 2024, p.247 e 248)

Mesquita e Pierotte (2018) escrevem que os patrimônios industriais são importantes para a sociedade atual compreender as transformações sociais, ambientais e econômicas, pois

Ao se definir o patrimônio industrial deve-se levar em consideração que o mesmo não trata apenas de grandes estruturas, com grande valor arquitetônico, máquinas antigas ou espaços ociosos que foram engolidos pela modernidade, onde se dava o funcionamento de determinada produção. Seu conceito vai além, sendo parte constituinte da vida de homens e mulheres comuns, que lhe confere valor identitário e, através de seus estudos, faz-se possível compreender o tipo de industrialização (e tecnologia) de uma época, assim como o modo de vida da classe trabalhadora correspondente. Os vestígios materiais das atividades produtivas, tais como fábricas antigas, ferramentas e edificações que as abrigam, têm uma excepcional importância não só para o arquiteto, construtor e engenheiro, mas também para o historiador, sociólogo, arqueólogo, ou seja, todos os estudiosos que tenham o desenvolvimento da sociedade como foco de pesquisa, pois através destes testemunhos materiais se faz possível compreender as transformações ocorridas em uma sociedade e a maneira pela qual estas se deram (Mesquita; Pierotte, 2018, p. 72)

## 2. Metodologia

A partir da metodologia da micro-história, espera-se compreender, resgatar e retratar parte desse processo de transformação da paisagem cultural a partir da fundação do frigorífico de suínos da Saic em Chapecó, no ano de 1952.

A revisão bibliográfica incluiu a leitura, interpretação e utilização de textos de autores que trabalharam temas como a colonização da região Oeste de Santa Catarina, implantação dos frigoríficos e, principalmente, que abordam conceitos acerca do patrimônio histórico, patrimônio industrial, patrimônio cultural e paisagem cultural.

Como fontes foram usados jornais de época, informativos, fotografias, documentos oficiais, entre outros.

## 3. Resultados e discussão

A paisagem e o patrimônio cultural estão visíveis na herança dos operários que atuaram no frigorífico da Saic durante décadas. Isso se concretiza nas casas em madeira, construídas em estilo arquitetônico próprio, nas festas, na religiosidade predominantemente católica e no *ethos* do trabalho baseado na derrubada da mata visando o cultivo de alimentos e a criação de animais de corte. Especificamente sobre a produção e o consumo de alimentos, vale citar que

A gastronomia de uma população está ligada à sua cultura, tradições, oferta de ingredientes e experiência culinária de seu povo. A cultura é um processo dinâmico que constrói a identidade permanente dos sujeitos, suas adaptações e registros. Através da cultura de um povo, um patrimônio imaterial se estabelece e delimita aquela população e sua história (Burke, 2006, *apud* Tonezer, *et al*, 2018, p.2)

O estudo sobre a Saic resultou em diferentes conclusões. A principal delas e mais visível, claro, é a transformação da paisagem. Por meio da análise de fotografias de época, é possível notar que nos anos 1950 o cenário era formado por estradas de chão que chegavam até a portaria da empresa. Chama a atenção, ainda, os remanescentes de florestas nativas que ainda circundavam a localidade depois constituída como bairro. Aliás, as fotos mostram que boa parte da mata ainda estava presente nos fundos da edificação que, depois, seria sede de um dos frigoríficos mais conhecidos no Brasil.

A análise iconográfica destaca, ainda, a presença das primeiras casas que foram erguidas nas proximidades do frigorífico. São construções em madeira, no estilo colonial, com telhados no formato bangalô, usando como base de cobertura as telhas de barro. Evidencia-se, assim, a forte influência europeia, principalmente das etnias alemã e italiana. A utilização da madeira contrasta com a arquitetura do próprio frigorífico, construído em alvenaria, obviamente com a finalidade de obter maior durabilidade e, talvez, atender às primeiras normas sanitárias acerca do abate de animais e industrialização de carne e derivados.



**Figura 2: Casas construídas nas proximidades da Saic**

Fonte: Memória Chapecó

Conforme já citado, as fotos mostram que nos primeiros anos as moradias situavam-se muito próximas dos portões da empresa. Depois, a provável expansão da atividade industrial obrigou a retirada das casas e a implantação de outras obras de infraestrutura, conforme é possível visualizar



na Figura 3. Essa fotografia aérea dos anos 1980 mostra essas mudanças que incluem ainda a implantação de um campo de futebol. Nessa época, a rua Marechal Bormann seguia até o portão principal da Saic. Depois, nos anos 1990, a empresa conseguiu autorização da Prefeitura para cercar e se apropriar desse espaço para atividades industriais particulares. Uma visita *in loco* nos dias atuais possibilita verificar a existência de uma cerca no espaço que antes havia uma rua de uso público.

A verificação da mesma fotografia aérea denuncia que a mata existente nos fundos da empresa foi paulatinamente suprimida. As florestas de araucária, cedro, anjico e outras foram substituídas por eucalipto, uma espécie exótica que até os dias atuais é largamente cultivada por empresas frigoríficas para ser usada como combustíveis em caldeiras. O mesmo ocorreu nos arredores. A ocupação urbana é visível com a abertura de novas estradas e com a implantação de moradias diversas, a maioria, supõe-se, erguida por funcionários da própria Saic.



**Figura 3: Vista aérea da Saic e do Bairro Saic nos anos 1980**

Fonte: Memória Chapecó

Necessário se faz, ainda, analisar que as instalações físicas da antiga Saic fizeram (e fazem) parte do patrimônio industrial, pois

[...] o local de produção industrial remete a algo externo (valores, ideais, imaginário funcionando como marca, pois apresenta especificidades que são construídas pelas diversas formas que é retratado, formando um imaginário

multifacetado (DEZEN-KEMPTER, 2010). Os resquícios materializados pelo monumento, pelos sítios ou pelas ruínas permitem a extração de informações que servem para a construção de sua história. Ela é parte integrante da paisagem, conformando-a tanto no seu sentido material, quanto no simbólico. Não se pode negar que ele está lá, não podendo, portanto, perdê-lo e depois encontrá-lo. O que pode acontecer é seu abandono e esquecimento. E esse é o destino das forjas, olarias e fábricas deixadas à própria sorte, que gradativamente vão se decompondo, tendendo ao desaparecimento. O patrimônio industrial integrado a paisagem cultural atua como uma forma de conservação das memórias coletivas que foram sobrepostas em diferentes momentos e contextos (Mesquita; Pierotte, 2018, p. 83 e 84).

Depois de um longo período de crise, a Justiça Catarinense decretou a falência da empresa no ano de 2005. O parque industrial da Saic, no Bairro Saic, foi adquirido pela Coopercentral Aurora, que atualmente o utiliza para atividades relacionadas ao processamento de carnes e derivados de suínos. Grande parte da estrutura física do frigorífico foi remodelada e reconstruída. Mas outra parte permanece preservada, incluindo galpões e os silos graneleiros que foram erguidos há mais de 40 anos.

#### **4. Considerações finais**

O Oeste de Santa Catarina foi marcado por um extenso processo de industrialização e desenvolvimento do setor agropecuário. Pode-se dizer, que, em grande parte, o patrimônio cultural da região se entrelaça com a história de alguns frigoríficos de aves e suínos, como é o caso da Sociedade Anônima Indústria e Comércio Chapecó (Saic).

As atividades econômicas ligadas ao segmento frigorífico ajudaram a moldar a identidade regional, sendo mencionadas em diversas manifestações culturais, como músicas, histórias, gastronomia e festas. Mas, também deixaram marcas profundas na paisagem ao mesmo tempo em que influenciaram, direta ou indiretamente, as relações sociais e culturais. No presente trabalho, exploramos essa relação complexa, analisando como o patrimônio cultural e a paisagem cultural foram impactados e como um desses frigoríficos se tornou parte integrante da memória coletiva da região.

Conclui-se, portanto, que a preservação da paisagem cultural e do patrimônio cultural é fundamental para a manutenção da identidade e da memória. Ao preservar esses bens, garante-se a transmissão de conhecimentos e valores para as futuras gerações.

## Referências

ALVES, Luciano Adilio. **Ascensão e queda de uma gigante: A crise da Chapecó Alimentos e os impactos socioeconômicos no município de Xaxim (1995-2015)**. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Uffs, Chapecó, 2021. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/4179>. Acesso em: 18 set. 2024.

CEOLIN, M.; ALBERTON, J.; ROMANO, L.; ROMANO, F. Patrimônio industrial e instalações frigoríficas: uma revisão sistemática de literatura. **Metodologias e Aprendizado**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 247-267, 2024. DOI: 10.21166/metapre.v7i1.5164. Disponível em: <https://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/metapre/article/view/5164>. Acesso em: 20 nov. 2024.

CORAZZA, Gentil. Fronteira Sul: Traços da Formação Econômica. In: RADIN, José Carlos VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo A. (Org.). **História da Fronteira Sul**. Chapecó: UFFS, 2016. p. 298-317.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>

MENDES, Antonio Rosa. **O que é patrimônio cultural**. Lisboa: Gente Singular, 2012. 46 p. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/61506613.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2024.

MESQUITA, Zandor; PIEROTTE, Otávio. O patrimônio industrial como elemento da paisagem cultural e a paisagem cultural conformando o patrimônio industrial: uma relação conceitual. **Geosul**, [S.L.], v. 33, n. 69, p. 66-87, 28 nov. 2018. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2177-5230.2018v33n69p66>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2018v33n69p66>. Acesso em: 11 set. 2024.

PICOLI, Bruno Antonio. Sono Tutti Buona Gente: a fabricação da superioridade italiana. Cadernos do CEOM, Chapecó, SC, v.24, n.35, p. 337-348, dez. 2011. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/1128>. Acesso em 21 de outubro de 2024.

RADIN, José Carlos. A indústria frigorífica no oeste catarinense e a participação dos itálos (1940-1960). **Revista História: Debates e Tendências**, v. 19, n. 4, p. 720-744, 23 dez. 2019. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/10495>. Acesso em 14 de novembro de 2024.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

SCHEFFER, Sérgio Roberto. A secretaria dos negócios do oeste: uma perspectiva de desenvolvimento (1963-1969). 2019. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/3311>. Acesso em: 17 set. 2024.

TONEZER, Cristiane; DO AMARAL, Marta Nichelle; MASCARELLO CERVINI, Simone Fátima; MARTINAZZO, Maria Regina. Identidade gastronômica: patrimônio imaterial do oeste catarinense. **Geografares**, Vitória, Brasil, n. 25, p. 238–262, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/17619>. Acesso em: 19 nov. 2024.

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Disponível em: <https://www.unesco.org/en>

VICHNEWSKI, Henrique Telles. **As indústrias Matarazzo no interior paulista**: arquitetura fabril e patrimônio industrial (1920-1960). 2004. 296p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1597986>. Acesso em: 20 nov. 2024.

### Fontes

**Memória Chapecó**: Antiga S/A Indústria e Comércio Chapecó (Saic), conhecido como Frigorífico Chapecó, em 1957. Chapecó, 21 set. 2017. Facebook: @memoriachapeco. Fotografia. Disponível em: [https://www.facebook.com/memoriachapeco/photos/antigo-sa-ind%C3%B3ria-e-com%C3%A9rcio-chapeco%C3%B3-saic-popularmente-conhecido-como-frigor%C3%A9frio/1949976058580482/](https://www.facebook.com/memoriachapeco/photos/antigo-sa-ind%C3%B3ria-e-com%C3%A9rcio-chapeco%C3%B3-saic-popularmente-conhecido-como-frigor%C3%A9frio/). Acesso em 14 out. 2024

**Memória Chapecó**: S/A Indústria e Comércio Chapecó (Saic), popularmente conhecido como Frigorífico Chapecó, na década de 1980. Chapecó, 13 de fev. 2019. Facebook: @memoriachapeco. Fotografia. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2266825720228846&set=a.1829390267305729>. Acesso em: 16 out.2024